

Luís Carlos Guedes Pinto
Vice-presidente de Agronegócios do Banco do Brasil

Seguro rural e mercado futuro podem garantir renda do agricultor

por Bruno Blecher

“É MAIS barato para o governo subsidiar o seguro rural e as opções do mercado futuro do que ficar renegociando todos os anos as dívidas dos agricultores”, diz Luís Carlos Guedes Pinto, vice-presidente de Agronegócios do Banco do Brasil.

Engenheiro agrônomo formado pela Esalq/USP na turma de 65, Guedes foi ministro da Agricultura entre 2006 e 2007. Nesta entrevista à *Agroanalysis*, ele anunciou que o Banco do Brasil vai elevar em 30% o volume de recursos para a safra 2009/2010.

AGROANALYSIS Vamos começar com o Plano Agrícola do governo para a safra 2009/2010, anunciado recentemente. O dinheiro é suficiente?

LUÍZ CARLOS GUEDES PINTO São R\$ 93 bilhões para a agricultura empresarial e 15 bilhões para a agricultura familiar, totalizando R\$ 108 bilhões. Nos últimos 30 anos houve uma transformação radical na fonte dos recursos que financiam a agricultura brasileira. No passado, o dinheiro vinha basicamente do Tesouro Nacional. Hoje, parte dos recursos vem de outros segmentos que têm interesse na agricultura. Estou me referindo às *tradings*, os revendedores de insumos e os próprios produtores rurais. Se compararmos os números de hoje com os do final da década de 70, vamos ver que em alguns anos o valor total do financiamento à agricultura, somando recursos para custeio, investimento e comercialização, chegava a ultrapassar o valor da safra. Hoje, os recursos do sistema financeiro representam aproximadamente um ter-



“Renegociar dívida dá mais trabalho do que financiar uma nova safra”

ço das necessidades do financiamento da agricultura. Houve uma mudança muito grande nesse sentido, inclusive em termos absolutos, os recursos destinados a financiar a agricultura hoje são menores do que há 20 anos, e a agricultura brasileira hoje é várias vezes maior do que era há 30 anos. A grande questão que se coloca

hoje é que o crédito rural, que era basicamente oriundo de recursos do Tesouro Nacional, passa a ser cada vez mais um crédito comercial, sujeito, portanto, aos riscos inerentes às atividades financeiras e, sobretudo, aos riscos da agricultura.

AGROANALYSIS Agricultura é uma atividade de alto risco.

GUEDES PINTO O financiamento da agricultura traz em si o risco de qualquer atividade financeira, qualquer empréstimo tem um risco, mas o crédito rural tem um risco específico, oriundo das peculiaridades da atividade agropecuária, que é uma atividade de caráter biológico, que tem ciclos e, portanto, está sujeita a uma série de condicionantes, de ajustes da produção. Além disso, ela trabalha com produtos perecíveis, os estoques são caros, depende do clima, enfim é crédito de maior risco. O que acontece é que, paulatinamente, com a retirada do setor público, os financiamentos se concentraram no Banco do Brasil. É um banco público, mas é um banco comercial, que tem ações na Bolsa e responde por mais de 60% dos saldos do financiamento da agricultura brasileira. Além do Banco do Brasil, tem o Banco do Nordeste, o Banco da Amazônia e as cooperativas de crédito, ou seja, a participação do sistema financeiro não público é relativamente pequena. Estima-se, a grosso modo, que um terço dos recursos que financiam hoje a agricultura provém do sistema financeiro, um terço vem dos próprios agricultores e um terço das *tradings* e das empresas de insumos. É importante destacar que no Sul predominam propriedades menores que no

Centro-Oeste, e o limite de financiamento para cada atividade – milho, soja, algodão – é limitado, tantos mil reais por CPF por produtor, por isso mesmo os produtores utilizam CPF de outros membros da família para poder aumentar o valor do financiamento, sobretudo no Centro-Oeste. No Sul, os recursos por rubrica, por CPF, atendem em maior escala a necessidade do produtor, no Centro-Oeste a participação é de uns 20%. É menor a participação das *tradings* no Sul, e maior no Centro-Oeste. O grande desafio que nós temos é ampliar o volume de recursos do sistema financeiro. No ano passado, devido à grande crise mundial houve uma retração forte de crédito no segundo semestre. Isso atingiu principalmente as *tradings*, e não é por acaso que o maior problema de falta de crédito ocorreu no Centro-Oeste. Muitos agricultores tiveram que bancar a safra do próprio bolso, e alguns deles acharam mais vantajoso fazê-lo. Temos uma estimativa que mostra que no Centro-Oeste, quando o agricultor toma recursos das *tradings* para financiar sua safra, ele paga cerca de 21% de juros reais, até mais. Quando ele troca a soja que vai colher pelo adubo, utiliza alguns desses mecanismos de antecipação, está pagando uma taxa de juros mais elevada. Por isso que eu defendo o ponto de vista de que seria muito mais importante aumentar o volume de recursos a taxa de juros controlada do que baixar 1% ou 2% dos juros do crédito oficial.

AGROANALYSIS Crédito rural é um bom negócio para os bancos?

GUEDES PINTO Não é um dos melhores, mas é bom negócio, porque o banco tem uma larga experiência no setor. Tradicionalmente, o Banco do Brasil está vinculado à agricultura brasileira e sem dúvida alguma é o banco que tem maior experiência na aplicação de recursos para o financiamento agrícola. Nós utilizamos a totalidade dos recursos que vem da exigibilidade dos depósitos à vista e também da poupança rural. E no caso da poupança rural a uma taxa de equalização que é negociável com o Tesouro Nacional, o

“Muitos agricultores tiveram que bancar a safra do próprio bolso e acharam mais vantajoso”

que faz com que o financiamento da agricultura não cause prejuízos ao Banco do Brasil. É inclusive rentável. O problema para o Banco do Brasil são as sucessivas prorrogações e renegociações das dívidas. Elas afetam muito o resultado do banco, na medida em que pelas normas do Banco Central relativas ao estabelecimento do risco da operação, toda vez que se faz uma negociação, ele agrava o risco e, consequentemente, aumenta a chamada PCLD, Provisão para Crédito de Liquidação Duvidosa. E quando você aumenta a PCLD, você está afetando o resultado do banco. Nos últimos sete anos, aumentou dez vezes a provisão do banco na carteira do agronegócio. Há sete anos, as nossas provisões eram de R\$ 473 milhões, hoje a PCLD está em R\$ 5,1 bilhões. Isso é prejuízo para o banco. Afeta o resultado, além disso renegociar dívida dá mais trabalho do que financiar uma nova safra.

AGROANALYSIS Qual é o tamanho da dívida agrícola?

GUEDES PINTO A última renegociação foi da ordem de R\$ 75 bilhões. É um pouco complicado falar sobre isso. Veja bem, o Banco do Brasil tem hoje R\$ 65 bilhões na agricultura, mas dentro desse valor tem uma parcela grande de financiamento da última safra, que foi da ordem de R\$ 30 bilhões, que os agricultores em grande escala vão amortizar. E há também financia-

mentos de investimentos de vários anos e também uma parcela de renegociação que foi prorrogada. Então, se o Banco do Brasil representa cerca de 60% do montante do financiamento da agricultura e ele tem R\$ 65 bilhões de reais, digamos que o total das dívidas do sistema financeiro é da ordem de R\$ 110 bilhões de reais. Mas aí você tem dívidas da safra que o agricultor vai pagar, dívidas que são de cinco ou sete anos de investimento que também estão normalizadas e renegociações em curso. Além disso, você tem dívida dos produtores com as *tradings* e com os revendedores. Esse número é muito difícil de calcular com exatidão, mas se com o sistema financeiro há um débito de R\$ 110 bilhões, talvez seja de R\$ 130 bilhões o total da dívida. A maior parte desses R\$ 110 bilhões é dívida normal. A dívida que está prorrogada, refinanciada é uma parcela menor.

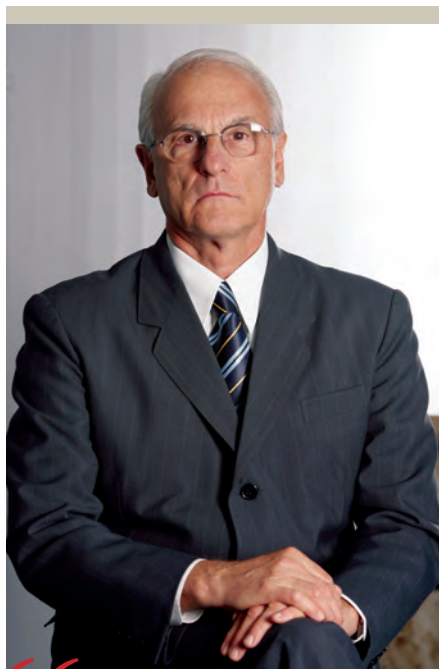
AGROANALYSIS Qual é a dívida podre?

GUEDES PINTO Precisa ser muito cuidadoso com essas comparações. Nós temos duas questões pela frente: uma é o passivo, que precisa ser equacionado, e outra é implementar mecanismos que impeçam que isso venha a se reproduzir no futuro. A história tem demonstrado nos últimos 15 anos que as renegociações ocorrem quase todos os anos. Nós precisamos criar mecanismos para evitar que isso ocorra. Nós criamos um grupo de trabalho envolvendo o MAPA, o Ministério da Fazenda, a CNA e o Banco do Brasil. E estamos rediscutindo o conjunto de instrumentos para o financiamento a agricultura. Várias idéias estão sendo analisadas e o grupo não está preocupado em apresentar resultado a curto prazo, porque sabe que esse tema é muito complexo. Particularmente, nós do Banco do Brasil temos definido que, a curto prazo, há dois instrumentos que poderiam ajudar muito para que no futuro nós pudessemos evitar essas renegociações. Um é o seguro rural, que é o da produção, caso aconteça um sinistro. Este ano, por exemplo, tivemos seca no Sul e excesso de chuva no Norte e Nordeste que causaram

prejuízos graves. O seguro rural protege o produtor no caso da ocorrência de um sinistro. Nós precisamos aperfeiçoar os mecanismos do seguro rural. O seguro rural tem crescido bastante. Muitas vezes o produtor não tem problema com a safra, ele tem uma colheita de acordo com a sua expectativa, mas os preços estão baixos e não cobrem os custos de produção. Qualquer produtor tem a expectativa de cobrir os custos e ter um ganho. Para isso é preciso ampliar a consciência e o uso dos mecanismos do mercado de futuros. Por meio desses instrumentos, o produtor pode travar o preço de seu produto, de maneira que possa cobrir os custos e produção e garantir seus lucros.

AGROANALYSIS Por que o produtor brasileiro usa tão pouco o mercado de futuros?

GUEDES PINTO Primeiro porque não há muita consciência e tradição no Brasil, como se tem nos EUA e em outros países. Tanto é que a BM&FBovespa começou no ano passado um programa, do qual fomos parceiros, chamado BMF&Bovespa vai ao campo. Houve várias reuniões nos principais centros da agricultura brasileira, e novamente este ano vamos ao campo difundir o uso desses mecanismos. O Banco do Brasil já treinou mil funcionários em convênio com a BM&F. Estamos preparando o pessoal do banco para oferecer aos produtores instrumentos do mercado de futuros, inclusive lançando opções. A nossa Bolsa tem apenas alguns produtos no mercado de futuros, embora a BM&FBovespa seja uma das grandes bolsas do mundo. A atuação é relativamente recente e algumas das *commodities* ainda não têm muita liquidez. Então é preciso difundir e ampliar, mas isso só acontece na medida em que houver demanda. Nós defendemos o ponto de vista de que, da mesma forma que o governo subsidia em média em 50% o custo do seguro rural, também deveria subsidiar os mecanismos do mercado de futuros. Por exemplo, se o governo lançar opções, subsidiar uma parte das opções para estimular o produtor. Na minha avaliação, eu fiz esses cálculos, seria mais barato para o gover-



“O grande desafio é ampliar o volume de recursos do sistema financeiro para a agricultura”

no subsidiar o seguro rural e opções do mercado futuro do que assumir o ônus da renegociação.

AGROANALYSIS A BM&F e o Banco do Brasil lançaram juntos um novo contrato para o milho.

GUEDES PINTO A idéia é o Banco do Brasil atuar neste campo junto com a BM&FBovespa. Este é um dos caminhos. O crédito rural deveria ser acompanhado necessariamente de seguro da produção e travamento de preços no mercado de

futuros. Aí o produtor tem a sua garantia de renda. Seriam mecanismos de seguro de renda para o produtor rural. Aí não há porquê de o produtor deixar de cumprir suas obrigações junto ao sistema financeiro. Se isso ocorrer, você pode ter uma maior oferta de recursos do sistema financeiro para a produção e, desta forma, reduzir o custo do dinheiro para o produtor.

AGROANALYSIS O impacto da crise global parece que não foi tão forte na agricultura?

GUEDES PINTO Nós tivemos problemas regionais na safra 2008/2009, mais pontuais, algumas áreas de seca no oeste do Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, no Paraná e numa parte de Mato Grosso do Sul. Excesso de chuva no sul do Maranhão e em algumas regiões do Nordeste, que causou um impacto muito grande. Mas no conjunto da agricultura brasileira, a safra 2008/2009 deu continuidade a uma recuperação que começou há dois anos. Os preços estão acima da média histórica. Os custos de produção, com a queda do dólar, foram relativamente menores, então eu diria que a agricultura brasileira, tomando o seu conjunto, atravessa um período positivo. Há crises localizadas, frigoríficos criaram problemas, mas na média a agricultura conseguiu estar acima da expectativa de um ano atrás. Na safra 2008/2009, o Banco do Brasil ampliou em 80% os recursos destinados à agricultura em relação a 2007/2008, em um momento de retração de crédito. E a nossa expectativa é aumentar em mais 30% o volume de crédito na safra 2009/2010.

AGROANALYSIS E o que o senhor espera para a nova safra?

GUEDES PINTO Falar sobre o futuro é muito arriscado, sobretudo na agricultura. Para a próxima safra, ressalvada a questão climática, que sempre é um risco, eu acredito que será similar a das duas últimas safras. Talvez haja até alguma expansão, os preços estão atraentes. Mas agora o dólar está caindo, o que dificulta as coisas. ■